

USO DE MARCADORES CONVERSACIONAIS POR SUJEITOS COM SÍNDROME DE DOWN

Solange da Silva Moreira⁶⁵
(UESB)

Nirvana Ferraz Santos Sampaio⁶⁶
(UESB/CNPq)

RESUMO

Considerando que a literatura sobre a linguagem em sujeitos com síndrome de Down relata que esse sujeito apresenta um desenvolvimento de linguagem atrasado quando comparado ao desenvolvimento de linguagem em sujeitos ditos “normais”, analisamos como as limitações próprias desta Síndrome podem influenciar no uso de marcadores conversacionais. Este trabalho tem como objetivos observar e analisar os marcadores conversacionais em um estudo de caso de Síndrome de Down (SD). Apresentamos aqui um recorte da pesquisa em que estão em cena TM, 23 anos, estudante da 7ª série do Ensino Fundamental, portadora da Síndrome de Down e a diretora da escola em que TM estuda. A coleta dos dados foi feita a partir de atividades significativas para o sujeito TM. A Neurolinguística Discursiva (ND) aliada aos estudos de Marcuschi (2003), sobre marcadores conversacionais, foi o suporte teórico-metodológico para a análise dos dados.

PALAVRAS-CHAVE: Neurolinguística; Linguagem; Marcadores conversacionais.

INTRODUÇÃO

A linguagem é uma habilidade essencial na vida de todo e qualquer ser humano, visto que continuamente necessitamos além de comunicar, seja através de meios verbais e/ou não-verbais, ocupar o lugar de sujeito de linguagem. Assim o indivíduo está inserido na linguagem desde o nascimento até o fim da vida. Tanto para o sujeito normal, como também para o sujeito com Síndrome de Down, o desenvolvimento da linguagem é determinante para a interação com o

⁶⁵ Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

⁶⁶ Professora Doutora em Lingüística pela UNICAMP, lotada no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB. Orientadora do trabalho.

meio social. Diante disso e da consideração do atraso no desenvolvimento linguístico em sujeitos portadores da SD analisaremos como os entraves próprios desta Síndrome podem influenciar no uso de marcadores conversacionais, em especial os prosódicos: pausas, hesitações, alongamento de voz, e retomadas, na construção e reconstrução dos enunciados de TM, sujeito com SD.

A Síndrome de Down é uma alteração genética caracterizada pela trissomia cromossômica do par 21. Conforme Otto *et al* (1998) *apud* Oliveira (2010), a alteração genética gerada por essa trissomia pode ser de três formas: i) a trissomia 21 padrão ii) a trissomia por translocação e iii) o tipo mosaico. Por ser considerada um acidente genético, pode ocorrer com qualquer casal, mas alguns fatores como idade materna e paterna, a exposição a raios-X, disposição para hereditariedade etc. são apontados como influenciadores. Os sujeitos portadores da SD apresentam dificuldades variadas no seu desenvolvimento fisiológico, físico, cognitivo e isso causa uma significativa lentidão no desenvolvimento de suas habilidades e por isso precisam de mais tempo para maturação e realização de atividades físicas e linguísticas. Características como alteração de tônus muscular, pele mais sensível, baixa estatura, mãos pequenas com dedos curtos e grossos, olhos amendoados, variados níveis de déficit mental são determinantes na identificação de pessoas com essa síndrome. A síndrome também afeta diretamente a fala através de um fenômeno que se conhece como “falsa hipoplasia” ou língua grande por isso a fala, que em geral é grossa e rouca, pode ficar comprometida por exigir movimentos rápidos e precisos. A seguir, apresentamos o desenho da pesquisa e os resultados e discussão que chegamos até este momento.

MATERIAL E MÉTODOS

Acompanhamos TM na escola em que estuda, desde 2009, ano em que foi aluna da autora deste trabalho. Em seguida, passamos a

observá-la indiretamente e, em agosto de 2010, passamos a olhar para o caso a partir do arcabouço teórico-metodológico da Neurolinguística discursivamente orientada (ND). A ND critica a avaliação padrão de sujeitos afásicos e a aplicação de certos modelos teóricos na prática afasiológica; que considera a concepção de linguagem, sobretudo, como uma ação sobre o outro e enfatiza que as expressões lingüísticas guardam relação com situações de fato e com a subjetividade. (Cf. COUDRY, 1988, 2008).

Dessa forma, nos aproximamos da família de TM, fator importante para o andamento da pesquisa. Os responsáveis por TM assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido o que possibilita apresentarmos este trabalho. TM, 23 anos, nasceu na zona rural e foi criada em Poções, Bahia, é estudante da 7ª série do Ensino Fundamental, com experiência de 18 de escolarização, sendo treze anos no ensino fundamental I e cinco anos no fundamental II. TM é a oitava filha de uma família de classe média baixa, de cor branca, tem baixa estatura e mora próximo ao centro da cidade. Depois de aproximadamente um mês de nascida a mãe percebeu que ela apresentava *uns traços diferentes* alguns meses depois procurou atendimento médico especializado e recebeu o diagnóstico de SD. Não apresentou problemas clínicos de cardiopatia nem deficiências auditivas e/ou visuais, mas enfrentou grave problema respiratório. Demorou, aproximadamente, cinco anos para aprender a falar e só depois disso é que a mãe decidiu matriculá-la na escola visando o desenvolvimento a partir da interação.

O enfoque deste trabalho refere-se a um recorte da pesquisa em que estão em cena TM e a diretora da escola em que estuda. A conversa foi gravada e posteriormente transcrita. A coleta dos dados foi feita a partir de atividades significativas para o sujeito TM. Na apresentação dos dados, adaptamos as transcrições às normas de transcrição do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

TM demorou mais de cinco anos para aprender a falar. Ela atualmente escreve, consegue decodificar as palavras, mas apresenta um pouco de dificuldade na interpretação do que lê. Observando as suas realizações de linguagem podemos perceber que apesar de grande estímulo e de muitos anos de escolaridade ela utiliza frequentemente os marcadores do texto conversacional, com funções tanto conversacional como sintática, para reformular sua própria fala na tentativa de se fazer entender. Os marcadores conversacionais são unidades que “devem obedecer a princípios comunicativos para sua demarcação e não a princípios meramente sintáticos” MARCUSCHI (2003, p. 63). Assim, na maioria das vezes, é possível perceber que esses marcadores não contribuem com informações novas para o tópico, mas principalmente “situam-no contexto geral, particular ou pessoal da conversação” (MARCUSCHI, 2003, p. 62). Durante o diálogo entre TM e a diretora da escola em que ela estuda fica claro o uso de marcadores prosódicos: pausas, hesitações, alongamento de voz, e retomadas. As pausas longas são utilizadas para ganhar tempo no planejamento verbal e principalmente na (re)organização do pensamento. Segundo Marcuschi (2003), as hesitações servem como momentos de organização e planejamento interno do turno e proporcionam tempo ao falante de se preparar. Abaixo, apresentamos um recorte da conversa entre TM e a diretora da escola em que estuda considerando o relacionamento amigável e descontraído que existe entre as duas.

Quadro 1 - Conversa entre TM e a diretora: um recorte

Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção do enunciado	Observação sobre as condições de produção do enunciado

			não-verbal
1 TM	Se eu pe::dir uma co::isa você:::/ se eu pedi::r você:: gos::ta?	TM quer pedir à diretora que não fale mais com sua irmã sobre o seu desejo de desistir de estudar porque agora ela resolveu continuar estudando.	
2 DC	FALA minha filha PODE falar		DC insiste tentando transmitir segurança a TM.
3 TM	É que eu queri::a que você/ Eu queria pedir pra você/ Eu queria pedir que você/ EU QUERIA pedir que você eh:::/ pessoa assim:: assim::/ se eu pedir você vai ficar/ você vai fica::r/ se eu pedir você vai falar?	TM tenta esclarecer o pedido, mas fica confusa e retoma a própria fala varias vezes.	
4 DC:			

	FALO/ É pra falar o quê?		
5 TM	É Assi::m se você conhecesse alguém/ uma pessoa/ uma irmã/ você vai falar?		

A análise dos dados apresentados nos turnos de 1 a 5 tiveram como foco os marcadores conversacionais utilizados nesse trecho. Os dados nos permite perceber, inicialmente, que o diálogo entre os interlocutores TM e DC representa uma interação entre os sujeitos. TM inicia o diálogo tentando chamar a atenção da diretora, uma vez que TM sente-se querida e protegida por ela, retomando um assunto considerado comum entre as duas. No turno 1, *Se eu pe::dir uma co::isa você:::/ se eu pedi::r você:: gos::ta?* percebemos que TM utiliza muitos alongamentos de voz, aparentemente tentando ganhar tempo, para construir a materialização do seu pensamento. No turno 3, *É que eu queri::a que você/ Eu queria pedir pra você/ Eu queria pedir que você/ EU QUERIA pedir que você eh:::/ pessoa assim:: assim::/ se eu pedir você vai ficar/ você vai fica::r/ se eu pedir você vai falar?* TM utiliza, além das pausas e das hesitações, as retomadas da própria fala na tentativa de acrescentar informações e conseguir reestruturar a fala. Durante uma conversação é comum perceber a ocorrência de alguns recursos, como os marcadores conversacionais, que são traços característicos da fala e que podem acontecer em diferentes graus de utilização, a depender da situação, entre os sujeitos ditos “normais” e os sujeitos portadores da SD. Isso ocorre para que haja a interação imediata. As exigências sintáticas podem ser superadas pelas pressões de ordem pragmática e é isso o que observamos no caso do sujeito SD, na tentativa de reestruturação da fala.

CONCLUSÕES

Segundo Marcuschi (2003), a conversação é a primeira forma de interação a que estamos expostos e possivelmente a única da qual nunca abdicaremos pela vida a fora. É natural que ocorra o uso dos marcadores conversacionais, características próprias da fala, para que haja interação espontânea procurando manter uma relação de “intimidade entre os interlocutores”. Considerando a dificuldade apresentada pelo portador da SD podemos constatar que ele necessita de uma maior atenção no que se refere à construção de sentenças significativas e por isso utiliza os marcadores conversacionais com uma maior incidência na tentativa de suprir essa dificuldade.

REFERÊNCIAS

- CAMARGO, E. A. A.. **Era uma vez: O contar histórias em crianças com síndrome de Down**. Universidade Estadual de Campinas. 1994.
- COUDRY, M. I. H. **Neurolinguística: afasia como tradução**. **Revista eletrônica: Estudos da Língua(gem)**. V.6, n.2, p. 9-38. Dezembro de 2008, disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/seer/index.php/estudosdalinguagem/article/view/93>. Acesso em outubro de 2010.
- _____. **Diário de Narciso: Discurso e Afasia**. São Paulo: Martins Fontes. 1988.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Editora Ática. 2003.

OLIVEIRA, Marian dos Santos. **Questões de linguagem em sujeitos com síndrome de Down. In. Revista Prolingua. Paraiba: UFPB. Vol. 1 (5). 2010.**